

Delfim: "Não houve coragem"

AGÊNCIA ESTADO

"Eu acho o seguinte: estamos fazendo um grande barulho por muito pouco. O presidente José Sarney, ao declarar a moratória, fez o que não podia deixar de fazer. Não houve um ato de coragem. O que aconteceu de fato foi que terminou o dinheiro que estava em caixa." A declaração é do deputado do PDS e ex-ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto, ao dar uma entrevista ontem à tarde, em seu escritório político na capital paulista, antes de embarcar para Brasília. Para ele, o governo não fez nenhum ato heróico, nem qualquer ato extraordinário ao declarar a moratória: "Quebramos e tivemos de dizer aos nossos credores: vamos pagar depois", explicou.

Depois de ironizar o Plano Cruzado — "uma piada", segundo Delfim — ele acusou o PMDB de responsável pela situação de insolvência em que o País se encontra: "Na realidade — afirmou — essa moratória se insere no grande estelionato eleitoral que foi promovido pelo PMDB. Por que nós quebramos? Simplesmente porque queriam fazer uma maioria peemedebista sólida (nas últimas

eleições de novembro). Agora temos de ter consciência de uma coisa: banqueiro é um homem frio e sabe que nós deixamos de pagar porque não temos dinheiro. Logo, não vai querer empurrar, mas vai querer dialogar".

Delfim se mostrou preocupado com o futuro da economia e alegou que o País caminha "infelizmente" para um quadro recessivo. "O governo está querendo esconder isso como de costume. O governo vai procurar esconder isso nos próximos seis meses até que um belo dia aparecerá alguém e dirá: estamos numa recessão muito forte".

REUNIÃO DO PDS

Em Brasília, Delfim participou, com praticidade a metade da bancada pedessista, de uma reunião convocada às pressas pelo líder do partido, Amaral Netto. Ao lado de outras personalidades do PDS — como os ex-ministros Roberto Campos e Jarbas Passarinho — Delfim continuou suas críticas ao governo e ao Plano Cruzado. Ele considerou "dramática" a situação do salário real das classes trabalhadoras e afirmou que, depois do período eleitoral, o governo não precisa mais do povo "e por isso pode tocar fogo nele". "É por

isso que está anunciado que acabará com os subsídios do trigo e do álcool", enfatizou.

Para o ex-ministro da Fazenda, com o apoio de Roberto Campos, a existência da dívida externa não é o grande inimigo do País mas sim a forma como lidar com ela: "A dívida tornou este país mais rico. Sem ela teríamos racionado petróleo, não teríamos feito Carajás, Tubarão, Tucuruí, Itaipu. A dívida ajudou o Brasil a crescer, afinal são cem bilhões de dólares que estão gerando anualmente renda e salários". Delfim, entretanto, responsabilizou a crise pela política cambial "desastrosa" do governo Sarney. "A atual é uma quebra só nossa. Não foi causada por nenhum fator externo e já era prevista por todos os economistas. Mesmo assim o governo quis manter o câmbio fixo enquanto os custos cresciam. Esse governo achou que bastaria dizer para as coisas não acontecerem que elas seriam eliminadas", afirmou com ironia. Depois, concluiu afirmando: "Corajosa seria a moratória unilateral (apesar de duvidosa) quando as reservas brasileiras ainda eram de US\$ 9 bilhões. Agora é loucura".